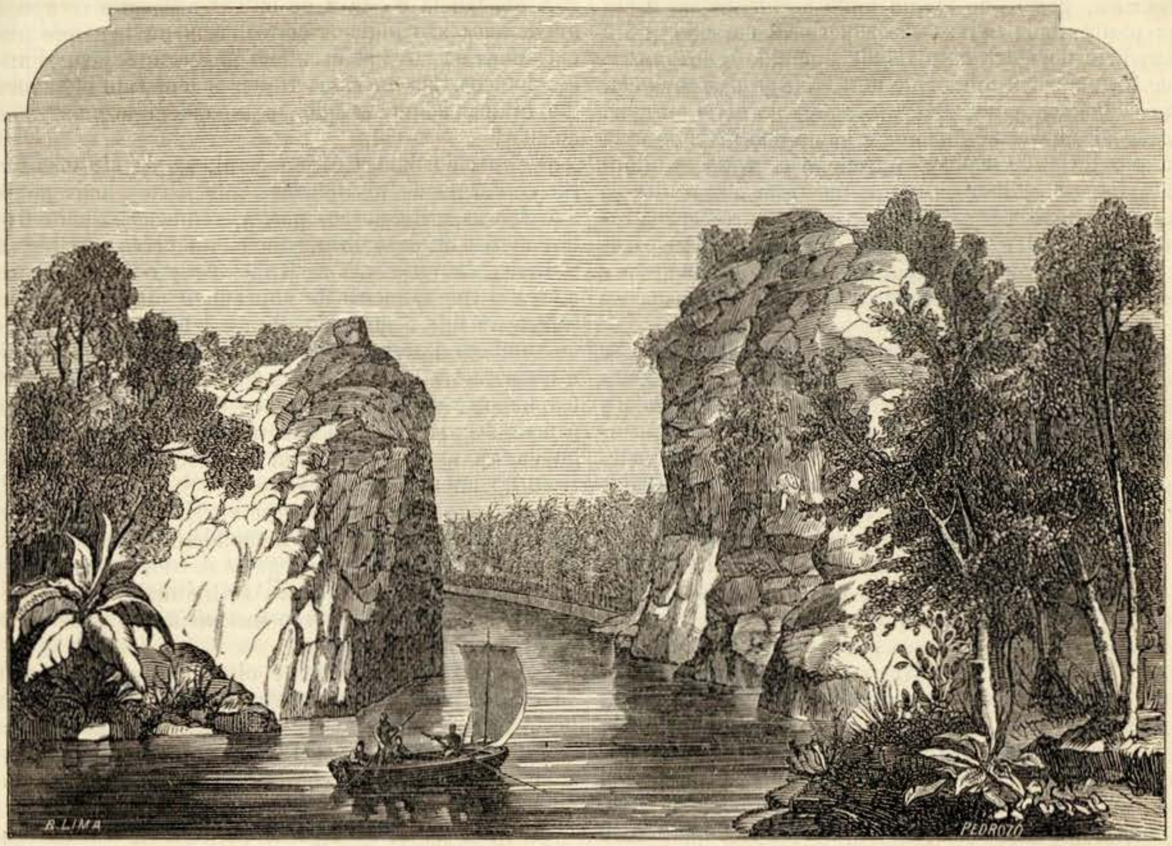


Rio Torlynoy-volvôtá, no sitio chamado Marcaxendo

ESTADOS DA INDIA PORTUGUEZA

PROVINCIA DE SATARY

Na primeira metade do seculo XVIII achava-se tão enfraquecido o poder de Portugal na Asia; estava a tal ponto reduzido esse vastissimo imperio, a que bem se póde dar por fundador Affonso de Albuquerque, varão tão grande na guerra, vencendo sempre, como na paz, conciliando a admiração e o respeito dos proprios vencidos, e d'est'arte assentando solidamente o dominio portuguez na clemencia e na justiça; estavam, em fim, tão esquecidas n'aquellas regiões as memorias gloriosas do nosso passado, e tão perdido o prestigio das quinas lusitanas, que até os régulos dos pequenos estados confinantes com o nosso, e que ainda havia pouco mendigavam um sorriso dos vice-reis da India, principiaram a inquietar-nos e a affrontar-nos. E tanto cresceu a audacia dos nossos inimigos, que um dia vieram pôr cêrco á cidade de Gôa.

Foi coisa triste, na verdade, e bem cruel, depois de ter dictado a lei a quasi todos os potentados da Asia, ver os que tinham vivido até alli vida independente pela magnanimidade dos vencedores, virem agora com injurias e ameaças baterem-lhes á porta da sua propria capital! Mas, como succede muitas vezes, por disposição certamente divina, da propria grandeza do mal se originou o remedio que lhe poz cobro.

A affronta e o perigo avivaram no peito dos portuguezes os brios amortecidos. Inflammou-os de novo o amor da gloria. Vestiram novamente as armas na santa defesa da fé e da honra da patria.

O cêrco da cidade foi gloriosamente levantado, e não se limitou o esforço dos nossos a rechaçar os sitiadores para além das fronteiras dos estados portuguezes da India. Proseguindo no caminho das victorias, tão brilhantemente encetado, os vice-reis foram levar a guerra ao seio dos que pretenderam disputarnos a posse da mais bella de quantas joias ornavam a coroa de D. Manuel, o *Venturoso*.

Apesar dos leões de Castella terem conseguido que se embaciasse o brilho das nossas armas, e quasi se esvaecesse o antigo prestigio do nosso nome, ainda assim foram potentes aquellas, e soberano este para triumphar de tantos inimigos, despojando alguns dos seus estados, arrancando das mãos de outros os instrumentos da aggressão, e aos restantes impondo-lhes respeito.

Esses triumphos foram, como o derradeiro canto do cysne, quasi o ultimo lampejar da nossa gloria na Asia. Ficou por trophéo o territorio que se annexou aos estados da India com o titulo de *Novas Conquistas*.

Entre as provincias comprehendidas sob esta denominação, acha-se a de *Satary*, que constituia outr'ora o limitado senhorio dos ranes de Querim e Gululem, feudatarios do rajá de Verim. Conquistada em 1746 pelo marquez de Alorna, vice-rei da India, e sublevada doze annos depois contra o nosso dominio, manteve-se independente até que em 1781 tornou a ser submettida, e d'esta vez ficou pertencendo á coroa de Portugal, sem mais alternativas que algumas rebelliões promptamente suffocadas.

Está situada entre o 15°,26′ e 15°,42′ de latitude norte, e 74°,3′ e 74°,21′ de longitude de Greenwich. Deriva-se o seu nome do vocabulo maratha *Sotorgão*, que quer dizer setenta aldeias, que tantas eram as que continha ao tempo da conquista.

Confina pelo norte e léste com possessões inglezas, servindo-lhe de separação os *gattes de Chorlem e Verdy* [1], e o pincaro d'estas serranias chamado *Quel-*

[1] *Gattes* quer dizer grandes alturas.

gate. Ao sul pega com a provincia de *Embarbacem;* e ao oeste com a de *Bicholim*.

Apesar de ser muito montanhosa apresenta extensas planicies, posto que algum tanto accidentadas, e cujas partes mais baixas são superiores em 288^{m},66 á superficie do mar. As mais altas cumiadas dos *gattes*, que fórmam a fronteira de norte e léste da provincia, são calculadas em 1:181^{m},56 acima do nivel do mar. *Sonsogór* ou *Sonsó-durigo* é a montanha mais elevada da provincia de Satary. Excede os *gattes* em altura obra de 72^{m}. Algumas serras mostram a sua origem volcanica mais recente que a das outras. Os seus granitos, porfidos e micaschistos, fendidos em todos os sentidos e formando profundos valles, apertados por escabrosos declives, revelam a violencia das erupções e dos sacudimentos do solo.

Os principaes rios d'esta provincia denominam-se *Madoy e Torlynoy-volvótá*. São affluentes do rio *Mandovy*, que se lança no oceano Indico, e ligam Satary com a cidade de *Nova Góa*, capital dos estados portuguezes da India. Por via d'estes rios fornece-se aquella provincia de tudo quanto necessita de fóra do paiz; e por elles se exportam os seus productos agricolas, bem como os de todas as *Novas Conquistas*.

O *Madoy* é navegavel desde Sanaulim até Gangém para canôas pequenas a que chamam *tônas*, e que não são mais que troncos de grossas arvores escavados á feição de um barco. De Gangém, onde chega a maré, até Nova Góa navegam n'elle grandes *tônas*, que são canôas cosidas com cairo, em vez de serem pregadas.

O *Torlynoy-volvótá*, por causa de uns penedos que se levantam do meio do seu leito, não é navegavel até Vitolapur. Porém, desde *Sanquelim*, capital da provincia, navegam com o auxilio da maré até Nova Góa grandes *tônas* carregadas de generos.

Vem desaguar n'estes rios várias ribeiras, que nascem nos cumes dos *gattes*, cujo tributo os torna caudalosos. Ambos abundam em diversidade de peixes; e as suas margens são pittorescas e em muitos logares formosas.

Não obstante a fertilidade do solo e a abundancia das fontes que n'elle rebentam, e dos rios e ribeiros que o atravessam em differentes direcções, as terras estão incultas ou mal agricultadas. Podia ser um paiz rico, exportador de diversos productos valiosos, principalmente algodão e café; mas em vez de ser rico, até agora tem sido pobre, porque os seus habitantes ainda não ha muito que apenas cuidavam de plantar e semear o que lhes bastava, por assim dizer, para as suas primeiras necessidades. Isto dito com relação á India equivale a declarar que eram os cereaes, e especialmente o arroz, a sua principal cultura, porque d'elle se sustenta a maioria dos seus habitantes.

Todavia, a agricultura do paiz tem melhorado consideravelmente por effeito de algumas disposições governativas acertadas, e sobre tudo pela influencia benefica das novas estradas, mandadas abrir pelo fallecido conde de Torres Novas, durante o seu governo na India. A concessão de terrenos, feita pelo estado em 1862 e 1863, sob condições vantajosas, a diversos individuos, nacionaes e estrangeiros, para a cultura expressamente designada do algodão, café, gengibre, etc., deve produzir importantes resultados. Os esforços d'esses agricultores, entre os quaes figuram subditos britannicos e americanos dos Estados Unidos, hão de operar, certamente, em poucos annos, pelo fructo do seu trabalho e pela efficacia do seu exemplo, uma completa e salutar metamorphose na face economica do paiz.

Possue a provincia excellentes aguas mineraes. As que formam a cascata de *Gotigachem-panim*, junto da aldeia *Ponsuly*, são efficazes na cura da sarna, bastando oito banhos, segundo asseveram os moradores da dita aldeia, para restituirem a saude ao enfermo, por mais inveterada e teimosa que a molestia seja.

A existencia d'esta e de outras nascentes de aguas medicinaes são indicios certos, sem dúvida, que nas entranhas da terra se occultam importantes jazigos mineralogicos. Porém essas riquezas tem sido até agora tão inuteis como as que se escondem nos abysmos do mar.

O clima de Satary é, em geral, saudavel; mas varía conforme as localidades. Nas partes mais altas, que são as visinhas aos *gattes*, sente-se bastante frio nos mezes de dezembro, janeiro e fevereiro, desde as 9 horas da tarde até ás 8 da manhã. N'esse espaço marca o thermometro de Fahrenheit 50°,0 de temperatura média; e do meio dia ás 3 horas da tarde indica 90°,0. Durante os outros mezes do anno regula a temperatura média n'essas terras por 80,2. Nas partes baixas, mais afastadas dos *gattes*, a temperatura é mais regular; nem o frio incommoda nos mezes de novembro a fevereiro, nem o calor é insoffrivel no resto do anno.

A estação chuvosa começa em junho e acaba em outubro. N'essa quadra chove tão abundantemente, que as ribeiras e os proprios regatos se transformam muitas vezes em rios caudaes. Abril e maio são os mezes mais quentes. O mesmo thermometro marca 95°,0 nos mais intensos calores.

Satary conta ao presente oitenta e duas aldeias e 11:650 habitantes, os quaes, em relação a 122:500 hectares, que é a superficie da provincia, correspondem a um habitante por 10,515 hectares. Empregam-se na agricultura, no commercio e nas pequenas industrias manufactoras.

Já dissemos que a agricultura está em via de desenvolvimento e progresso. Até ha pouco limitavam-se os seus productos aos que se colhiam de extensos palmares, e de algumas outras arvores indigenas, e a diversas especies de cereaes e legumes. Actualmente vae-se estendendo a cultura a muitos productos que não entravam n'ella, alguns até desconhecidos na provincia. A do algodão e do café promette incremento, e póde vir a ser um poderoso elemento da prosperidade de Satary.

O commercio tem melhorado algum tanto, e melhorará successivamente como uma consequencia natural do desenvolvimento da agricultura e das novas vias de communicação. As principaes estradas, tendo uma de comprimento obra de 30 kilometros, com 6 metros de largura, outra 15 kilometros, e a terceira 18, cada uma d'estas com 5 metros de largura, atravessam toda a provincia até entroncarem nas bellas estradas das possessões inglezas, pondo o sertão d'estas e de Satary em facil communicação com a parte navegavel dos rios acima nomeados, e com a cidade de Nova Góa. A primeira d'estas estradas tira o seu nome do titulo do fundador, chama-se *Torres Novas*. Ligam-se com estas estradas outras menos importantes e muitos caminhos vicinaes recentemente construidos ou em construcção.

Somente na capital, Sanquelim, ha mercado regular, o qual se faz nas segundas feiras, e foi estabelecido em 1841. Além d'este apenas por occasião de certas festividades dos gentios se fazem feiras no local da funcção, ás quaes concorrem muita gente e bastantes productos, que consistem principalmente em tecidos de algodão, especiarias, fructos do paiz e peixe salgado.

A industria manufactora é insignificante, tanto pelo pequeno numero de individuos que n'ella se empregam, como pela pouca perfeição dos seus productos. Reduzem-se os officios mecanicos a alguns ourives, oleiros de loiça, feita grosseiramente de argila vermelha, serralheiros e outros fabricantes de objectos

de metal, e fabricantes de manilhas de vidro, de lacre e massa de cajú.

Finalmente, a povoação d'esta provincia compõe-se de individuos de diversas castas, pela maior parte idolatras.

Para traçarmos esta succinta descripção geographica soccorremo-nos a uma obra modernamente publicada na cidade de Góa. Tem por titulo *Apontamentos sobre a provincia de Satary do estado da India Portugueza;* e por auctor o sr. *Antonio Lopes Mendes, medico-veterinario-lavrador em commissão do governo no estado da India.* Saiu dos prelos da imprensa nacional de Góa no anno de 1864.

É um livro muito interessante pelas mui curiosas e variadas noticias que nos dá de uma parte da monarchia portugueza tão distante e tão pouco conhecida da metropole. Habilitaremos os nossos leitores em outra occasião para o poderem apreciar, publicando n'este semanario alguns excerptos d'esse livro, cujo auctor já tem enriquecido o *Archivo Pittoresco* com muitos desenhos seus, nomeadamente com uma linda collecção de vistas da provincia de Traz-os-Montes que adornam o tomo v.

Agora temos em nosso poder outra collecção de desenhos, originaes e inéditos, concernentes á provincia de Satary, que o sr. Mendes delineou nos proprios logares que retrata, e nos offereceu para serem reproduzidos pela gravura. Esta primeira, que adorna este numero, representa o rio *Torlynoy-volvótá*, proximo de Sanquelim, no sitio denominado *Marcaxendo.*

I. DE VILHENA BARBOSA.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 43)

IV

AVENTURAS NOCTURNAS NO PALACIO DE VENDAS-NOVAS

«Um mez, por dois principios tão limitado, pela curteza e menor numero dos seus dias, assaz recuperou este defeito n'este tão feliz anno, em que entrou com tantos augmentos de gloria, como aquelle que podia communical-a, e honrar com ella largos seculos e edades.»

Isto diz o douto fr. José da Natividade no capitulo XVII do livro IV do volume que o immortalisou. Assim com esta opulencia se exprimiam os nossos avós. Hoje os seus degenerados e pelintras netos precisam que eu lhes dê com toda a modestia a chave d'aquelle enigma, dizendo com uma pobreza de locução perfeitamente franciscana: «Principiou o mez de fevereiro.»

A isto estamos reduzidos. N'essa epocha de magnificencia dispendiam-se com toda a liberalidade um bom meio cento de palavras para que uma tão simples phrase saísse á rua bem envolta nos seus vestidos de gala.

Principiou, pois, o mez de fevereiro, e a comitiva de D. João V, que saíra de Elvas no dia 26 de janeiro, entrava apenas em Evora, depois de ter passado por Estremoz, onde suas magestades e altezas foram visitar devotamente a casa do castello onde morou a rainha Santa Isabel. Escusâmos de dizer que na tapada de Villa Viçosa foram baldadas todas as diligencias do conde das Galveias, e que nunca se pôde descobrir quem fôra o indiscreto confidente das ternuras del-rei.

Comtudo, o nosso D. Luiz de Mello, não se julgando bastante senhor de si para occultar o seu amor aos olhos de D. João V, que a desconfiança, desperta pelo incidente da tapada, fazia mais perspicazes, achou prudente afastar-se da comitiva, e, aproveitando o pretexto de tencionarem el-rei, o principe do Brasil e o infante D. Antonio entrar incognitos em Evora e apear-se no palacio do duque de Cadaval, edificio que ficava n'uma altura d'onde se descobria até muito longe a estrada de Estremoz, e d'onde, por conseguinte, suas magestades e altezas, passando de actores a espectadores, podiam gozar a magnifica vista do cortejo que viria acompanhando a rainha para a entrada official, D. Luiz pediu ao duque D. Jayme que o escolhesse a elle para ir adiante prevenir os criados da honra que o palacio havia de receber. Concedeu-lhe o duque a licença pedida, e, antes mesmo que a comitiva saísse de Estremoz, partiu D. Luiz a galope, acompanhado pelo seu fiel Braz Mattoso.

Á porta da villa encontraram o monteiro-mór. Este fidalgo, que se chamava Fernão Telles da Silva, era um sujeito mal encarado, cego de um olho, coronel de um dos regimentos da côrte, e que embirrava solemnemente com D. Luiz de Mello, pelo simples motivo do pagemzito merecer sympathia ao Camões do Rocio, cuja veia mordaz não poupava o monteiro-mór, com quem andava em crua guerra, e a quem, seis annos depois, havia de vibrar o virulento soneto que principia assim:

> Coronel Satanaz, Fernão zarolho,
> Cruel harpia das que o abysmo encerra,
> Na empreza de affligires esta terra
> De que serve o bastão se tens esse olho?

O monteiro-mór enviezou para D. Luiz o tal olho que serviu depois para a rima do soneto, e, vendo Braz Mattoso cavalgando atraz do pagem, resmungou, depois de corresponder levemente ao comprimento do moço parente do duque de Cadaval.

— Sois inseparaveis. Não sei como o seu grande amigo Souto-Mayor o deixa acompanhar com tão grosseiro soldado, que não lhe póde augmentar as suas prendas de cortezão.

— Nem eu para cortezão me crio, sr. Fernão Telles, acudiu cortezmente o juvenil pagem. Desejo preparar-me antes para, na primeira campanha que houver, poder servir dignamente debaixo das ordens de v. exc.

E passou. Braz Mattoso, que ouvíra tudo, passou tambem, tirando respeitosamente o seu chapéo; mas o nariz elevou-se-lhe de subito á temperatura rubra. Não estranhem a phrase: o nariz era o thermometro das commoções do honrado sota-cavallariço. A temperatura rubra indicava um desejo violento, mas reprimido, de dar dois murros bem puxados n'um sujeito qualquer que estivesse, pela sua posição, fóra do alcance das suas iras.

Notámos este incidente insignificante, porque teve depois, como se verá, consequencias graves para o nosso heroe.

Effectivamente, no dia 1 de fevereiro, pela uma hora da tarde, apearam-se D. João V, D. José e D. Antonio, que tinham vindo a cavallo, á porta do palacio do duque de Cadaval. Duas horas depois appareceu na estrada de Estremoz o cortejo da rainha. D. Marianna de Austria havia-se demorado um pouco em Evora-Monte para ouvir a oração que lhe foi feita pelo juiz ordinario da terra.

Este juiz ordinario era um pobre homem, de fallar simples e chão, que nada percebia dos circumloquios, conceitos e phraseado da côrte. Imagine-se o quanto a sua rustica eloquencia feriria os ouvidos habituados aos requintados discursos do conde da Ericeira. O nosso fr. José da Natividade conta que ninguem póde conter o riso, ouvindo tão desenfeitada pratica. O homem naturalmente riu-se para dentro dos pintalegretes que zombavam d'elle, e voltou socegadamente para a sua lavoira. Cento e quatro annos depois, n'essa mesma Evora-Monte, lavrava-se a sentença de morte

da sociedade antiga, e a eloquencia popular, robustecida pelo troar do canhão, alluia as muralhas da Jerichó do despotismo. A rude voz do povo, que provocava os sarcasmos dos cortezãos, fortalecendo-se a pouco e pouco por espaço de um seculo, gelou, a final, o riso nos labios que a desprezavam.

Fr. José da Natividade esqueceu-se de nos transmittir o nome do rustico; talvez o pobre homem, quem sabe? fosse algum antepassado de Mousinho da Silveira.

Evora recebeu brilhantemente os seus augustos soberanos. Alcatifaram-se as ruas de flores, levantaram-se arcos, improvisaram-se estatuas e brotaram fontes por todos os lados. As numerosas communidades religiosas alli existentes, o tribunal do Santo Officio e a universidade, que ainda não fôra abolida, vieram dar os emboras aos principes desposados. O senado da camara, talvez composto de sujeitos no genero do juiz ordinario de Evora-Monte, não quiz divertir a côrte á sua custa, e, em vez de palavriado, presenteou os noivos com doze caixas de doce, de dezeseis arrateis cada uma, doze vitellas, dozoito carneiros, vinte e quatro perús, doze leitões e doze duzias de gallinhas. N'isto, segundo se vê, não eram frivolos os nossos antepassados; gostavam do solido. Fr. José da Natividade não diz que a côrte se risse d'este discurso.

Oito dias se demorou a régia comitiva em Evora, entregando-se a todos os passatempos que pôde imaginar o affecto dos seus fieis vassallos. Não foram elles muito variados, e consistiram principalmente na caça e na visitação de todos os conventos e egrejas da cidade e do seu termo. No dia 3 de fevereiro, por exemplo, foram suas magestades ao collegio dos reverendos padres da Companhia de Jesus, e os sabios jesuitas não acharam divertimento melhor que offerecessem a suas magestades do que foi a representação de uma tragi-comedia... em latim, coisa engenhosa, diz o nosso frade, mas massadora a mais não poder ser! Suas magestades e altezas resistiram aos bocejos por espaço de dois actos, mas não poderam mais e pediram misericordia, indo para casa a cair de somno. A princezasinha do Brasil sonhou n'essa noite que uma longa procissão de roupetas negras desfilava vagarosamente por diante d'ella, recitando-lhe a fio, por espaço de vinte e quatro horas, as cinco declinações.

Eis as palavras textuaes do bom dominicano:

«Representaram-se só dois actos d'esta, em todos os sentidos, grande obra, porque não pôde caber na angustia do tempo o resto d'ella.»

Em todos os sentidos, grande obra! Que nuvens de pulverulento fastio sacode por diante dos meus olhos esta simples phrase do dominicano! Que somnolentas imagens me desperta! que profundo dó eu tenho d'aquella côrte, d'aquelle rei, d'aquella rainha, e principalmente dos dois noivos infantis! Que de bocejos reprimidos! E que atroz sorriso não desfranziria os labios dos jesuitas, que estavam sendo n'esse instante mais inquisidores que os proprios membros do tribunal do Santo Officio!

E não julguem que os jesuitas se contentaram só com este tormento. Deram quatro dias de descanço aos réos, e no dia 7 voltaram á carga, brandindo os ultimos tres actos. Não tiveram as victimas remedio senão resignarem-se. El-rei e a côrte beberam até ás fezes o calice latino. Mas d'esta vez apoderou-se de D. João V um verdadeiro pavor; julgou ver emboscadas em todas as esquinas de Evora tragi-comedias latinas em cinco actos. Fugiu, e só parou em Montemor-o-Novo.

Mas ahi demorou-se apenas um dia. Fluctuavam ainda na atmosphera algumas conjugações extraviadas. D. João V só se julgou em segurança no seu palacio de Vendas-Novas.

Antes de narrarmos as aventuras que ahi esperavam o nosso pagem, digamos duas palavras ácerca d'esta oitava maravilha do mundo, como lhe chama o nosso digno fr. José.

Entre todas as loucas prodigalidades de D. João V é talvez esta a menos conhecida, e ao mesmo tempo a mais digna de ser verberada pelo historiador imparcial. Dispendesse embora sommas prodigiosas no convento de Mafra, que é ao menos um monumento; arrojasse quantias fabulosas ao regaço dos italianos que lhe fabricaram a capella de S. João Baptista, que, em fim, é uma joia artistica; mas dispender a quantia de um milhão de cruzados [1] n'um palacio construido com o proposito unico de servir de estalagem á comitiva real n'esta jornada, é a prova mais evidente d'essa vaidosa magnificencia, d'esse fausto esteril, egoista e inutil, que, a meu ver, caracterisam todas as obras emprehendidas por este monarcha. N'isto mesmo se faz sentir a mania de parodiar Luiz XIV, que tanto preoccupava o rei fidelissimo. Teimára o monarcha francez em construir Versailles n'um sitio onde se accumulavam todas as difficuldades, onde, para se obter agua, foi necessario empregar a conhecida machina de Marly, que a ia tirar do Sena e a levava com incrivel trabalho e dispendio para o sitio escolhido pelo orgulhoso filho de Anna d'Austria. Tambem D. João V insistiu para que se construisse o palacio em Vendas-Novas, onde tudo faltava, onde não havia pedra, onde não havia materiaes, onde não havia agua. E tudo isto se fez em nove mezes, debaixo da habil direcção do coronel de engenheiros José da Silva Paes e Vasconcellos, e do architecto Custodio Vieira. Que actividade tão mal empregada! Que zêlo e energia tão desaproveitados! Onde ha ahi um verdadeiro portuguez, um portuguez de coração e de juizo, que não verta lagrimas de sangue ao pensar no que um rei verdadeiramente civilisador podia fazer d'este desgraçado paiz com os homens e recursos de que então dispunha! Tudo empregado em frivolidades! E a tola vaidade do sr. D. João V era acariciada suavemente quando o abbade hespanhol Mongone, estupefacto ao saber que em tão pouco tempo se tinha terminado tamanha obra, e se tinham vencido tamanhas difficuldades, exclamou: *El-Rey de Portugal añada á su grandeza la de hazer milagros!* Milagres fazia-os, sim! Mas em vez de resuscitar o Lazaro immenso, que morrêra esfaimado em torno do esplendido festim da realeza, ainda mais lhe esmagava o cadaver, assentando montanhas de marmore em cima da loisa do seu tumulo!

Perto de dois mil trabalhadores foram empregados n'aquella obra; a pedra para a cantaria ia-se buscar a duas legoas de distancia; a cal, as vigas, o taboado, as cavilhas, o tijolo e a telha, vinham de sitios que ficavam d'alli a dez, doze e quinze legoas. Andavam empregadas n'isto mais de duzentas bestas de carga. Trabalhava-se de dia e de noite. Mais de dez mil archotes se consumiram nos serões, e, apesar de tudo, ainda na occasião em que alli entrámos, acompanhando sua magestade de volta do Caia, se estava trabalhando nas porções mais secundarias do edificio. É verdade que era, como ainda hoje se vê, um casarão immenso, com vastas cavallariças, largos pateos e amplas accommodações para toda a comitiva.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

TULIPA PLURIFLORA

As tulipas são plantas bulbosas, da familia das *liliaceas*. As suas especies bravas são oriundas de diversas regiões. D'estas encontram-se algumas em várias localidades do nosso paiz. Na serra de Cintra achámos ha tempo a que a sciencia denomina *tu-*

[1] *Fasto do hymeneo*, por fr. José da Natividade, pag. 199.

lipa sylvestris, cuja flor é de côr amarella um pouco pallida.

Até ao meiado do seculo XVI eram desconhecidas as tulipas nos jardins da Europa. Correndo, porém, o anno de 1559, Conrado Gesner, encantado com uma tulipa de vivissima côr escarlate que achou n'uma collina, meio afogada entre a herva, arrancou cuidadosamente as cebolinhas, e levou-as para o seu jardim, d'onde se foi generalisando por toda a Europa. Tomando o nome do seu descobridor ou introductor na jardinagem, chama-se esta planta *tulipa gesneriana*.

A sua propria belleza, juntamente com o condão da moda, fizeram com que fosse desejada e apreciada em todos os paizes pelos adoradores de Flora, que principiaram a dedicar todos os seus desvelos e cuidados ao aperfeiçoamento da cultura d'esta planta, e á acquisição e propagação de novas variedades.

Chegou a tal ponto este gosto, que em alguns paizes se converteu em verdadeira mania. A Hollanda e a Belgica foram as nações que mais padeceram d'essa enfermidade, chegando a arruinarem-se muitas familias com as despezas occasionadas por similhante cultura. As cebolas das especies mais raras custavam sommas fabulosas; e como se isto não fosse bastante para constituir um grande desvario, faziam-se apostas de avultadas quantias, e até se estabeleceram concursos publicos, com premios que importavam uma valiosa fortuna, para quem apresentasse a tulipa de côr mais negra. Foi precisa a intervenção dos governos para se pôr termo a um commercio tão extravagante, que compromettia a existencia de uma familia rica, tornando-a pobre por causa de uma unica cebola, por um prazer dos olhos que não durava mais de doze dias, e, em fim, por uma gloria tão ephemera e tão vã, que mais lhe quadra o nome de ridiculo capricho.

A tulipomania invadiu tambem a Turquia e a Persia. Na primeira eram os thesouros do sultão, principalmente, os que se exhauriam para satisfazer os desejos das odaliscas, povoando de tulipas raras os jardins do harem de Constantinopla. Na Persia chegou a assumir as proporções de um culto, celebrando-se todos os annos, na primavera, que é a epocha da sua florecencia, a festa das tulipas.

A França tambem se curvou á moda, recebendo-lhe as leis; mas se teve a felicidade de a não ver exaggerada, a ponto de se tornar doença, foi porque a gente de juizo começou a dar o epitheto de *tulipomaniacos* aos que pretendiam imitar os floristas belgas e hollandezes. O ridiculo n'este caso, como succede em muitos outros, foi para os mais enthusiastas um como especifico, que os curou, ou, pelo menos, que não deixou aggravar-se a molestia; e para muitos, que iam sendo arrastados pelo exemplo, foi um excellente preservativo.

A Hespanha e Portugal foram isemptos da invasão. Os Pyrenéos, que por tantas vezes nos tem sido adversos, levantando-se como uma barreira insuperavel entre nós e as nações mais cultas, em algumas occasiões nos tem favorecido, obstando, como então, a que certas modas ou costumes maleficos se introduzissem em o nosso paiz.

Esta paixão phrenetica pelas tulipas produziu em muita gente o sentimento opposto, que em alguns homens tocou o extremo da exaggeração. D'entre esses rancorosos antagonistas das tulipas citaremos a Evrardo Vorstius, professor de botanica em Leyde, o qual não podia ver uma d'essas plantas, quer fosse estimada em qualquer jardim, ou sylvestre no meio dos bosques, sem que immediatamente a destruisse com a sua bengala.

Entretanto, teve aquella mania um resultado, que lhe sobreviveu e permanece: é a existencia de mais de seiscentas variedades de tulipas, obtidas pela maior parte por sementeiras, e á custa de muito trabalho e cuidados.

Posto que tenha passado, felizmente, o tempo d'aquellas exaggerações, as tulipas ainda hoje são muito estimadas pelos amadores de jardinagem, sobre tudo nos paizes onde tiveram outr'ora maior voga; e ainda os botanicos se afadigam para darem o ser a novas especies.



Tulipa pluriflora

A *tulipa pluriflora*, que se vê representada em a nossa gravura, é uma novissima variedade, devida aos desvelos e perseverança de mr. Marcello Poulin.

Lembrou-se este intelligente botanico de diligenciar obter que uma cebola de tulipa, em vez de uma até duas flores, que é o que geralmente costumam dar, lhe produzisse maior numero d'ellas. E com effeito, tal esmero poz na cultura da cebolinha; tantas e taes experiencias ensaiou, que conseguiu, finalmente, vêl-a ostentar, na primavera de 1862, cinco bellas flores, saíndo airosamente d'entre um massiço de folhas, que lhes augmenta a graça, sobrelevando tambem n'isto a todas as outras variedades até então conhecidas, pois que é raro ver uma cebola guarnecida com mais de tres folhas.

As pétalas da flor são de um lindo rôxo, um pouco mais escuro que a côr do lilás, terminando, junto ao pistilo, em um amarello brilhante, que fórma o fundo da corolla. Nenhum laivo ou mancha macúla a pureza d'estas duas côres.

A esta variedade deu mr. Poulin o nome de *tulipa pluriflora*, que quer dizer *tulipa de muitas flores*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A VAIDADE

De todos os legados que nos deixou o Pae commum, foi a vaidade aquelle que se dividiu mais egualmente entre os descendentes. Se a vaidade fosse como o merito, a ninguem faltaria este; por isso a divisão da *vaidade* parece ter sido feita na razão inversa do merito, e d'ahi provém a compensação.

A palavra *vaidade* vem do latim *vanitas*, cujo synonymo n'esta lingua é *inanitas*, inanição.

Refere-se a vaidade aos sentimentos e objectos, á necessidade de ser notavel em actos frivolos, ás difficuldades do ocio, ás inutilidades brilhantes que se affrontam ou que se nos deparam para alcançar gloria ephemera.

Refere-se tambem não só ao sentimento que inspira esta especie de triumpho, como áquelle que nol-o faz desejar; isto é, tanto á consequencia como ao principio. Bassoupierre bebia por vaidade o vinho que a sua borracha podia conter, e tinha vaidade de ter bebido o vinho que a sua borracha contivera.

Applicada ás coisas, esta palavra designa ás vezes que, apesar da importancia apparente, tem apenas valor passageiro, assim no esplendor como na duração.

As grandezas do mundo, as victorias, as coroas academicas, as ovações theatraes, são assim designadas pelos sabios de todas as classes e categorias. E foi n'este sentido que Salomão exclamou: *Vanitas vanitatum, omnia vanitas!* (Vaidade das vaidades, tudo vaidade!)

A palavra *vaidade* devia ter na origem alguma analogia com a palavra *vento*, cujas propriedades se podem applicar para o nosso caso. Deixando aos glosadores, aos etymologistas a decisão d'este ponto, devemos pedir-lhes que se não esqueçam de que o homem vão é chamado pelos latinos *homo ventosus* (homem cheio de vento). *Homo captus aura frivola* (homem enganado, attrahido, occupado ou dominado por um leve sopro).

A vaidade, como objecto, é a bolha de sabão: aos nossos olhos é o corpo cheio de côres brilhantes; sob os nossos dedos é nada.

A vaidade, como sentimento, é o que experimenta a criança, já quando com o sopro enche a bolha, já quando, com outro sopro, a levanta no espaço, isto é, acima da sua cabeça, ou a oito palmos da superficie da terra!

É singular que esta vaidade, que parece ter por alvo a grandeza, diminue tudo, e até o que é pequeno.

Nada ha tão pequeno como os colossos inuteis e as pyramides ambiciosas que se levantaram no solo de Memphis. Que diziam então, e que disseram depois as gerações? Que o Egypto ficou exhausto de homens, pedras e cebolas, para erguer, não sabemos a que rei, um tumulo que não conserva o corpo nem o nome do fundador.

A vaidade que construiu a pyramide de *Rhodope* tem recordação menos triste. Fizera esta mulher grande numero de felizes, se se julgar a quantidade dos contribuintes pelo valor da contribuição. Não a censurâmos por isso; mas deviamos rir hoje se quizessem dar-nos para calcular o numero dos loucos encontrados, porque logo ficaria provado o numero das loucuras commettidas.

Os grandes monumentos do Egypto são os poços abertos por José para a necessidade do povo; a bibliotheca onde os Ptolomeus offereciam aos sabios de todas as nações as obras dos sabios de todas as epochas; e os canaes abertos pelos reis magnanimos para acudir ás necessidades da agricultura e do commercio. Se os colossos e as pyramides foram levantados pelas mãos da vaidade, os monumentos de que ultimamente fallámos são devidos ás mãos da utilidade: a estes, pois, cabe a gloria.

A vaidade é um Protheu. Toma todas as fórmas e todos os nomes, e produz todos os effeitos, desde o mais divertido até o mais terrivel; é a polvora que serve tanto para augmentar os horrores do combate como os azedumes da festa, e que origina o lucto ou o jubilo, conforme é empregada, ou pelo artilheiro ou pelo artista. Conduz a vaidade muitas vezes á tyrannia por motivos oppostos, ou por excesso de desprezo, ou por excesso de amor para com o genero humano, ou pela persuasão, em fim, de que muitas pessoas valem mais que nós, ou que todas valem menos.

Foi esta ultima persuasão uma das causas do despotismo injurioso de Tiberio, que se mostrava mais cruel para com os homens, ao passo que mais os desprezava; a outra explica em grande parte a crueza de Domiciano, que, pelo contrario, abominava os homens á medida que mais os estimava.

A vaidade de Tiberio, que se considerava o primeiro personagem do imperio, não poupava nos seus caprichos os homens que desprezava. A vaidade de Domiciano sacrificava nos seus calculos qualquer homem que, por superioridade reconhecida, ou por sua posição, obstasse a que elle fosse o primeiro personagem do imperio. Um julgava possuir a grandeza; o outro queria alcançal-a, e como não podesse levantar-se até ella, tentava abatel-a até aos seus pés.

Esta vaidade póde chamar-se soberba.

Deixemos, porém, os defeitos d'estes personagens, e vejamos, em esphera menos elevada, o que é a vaidade no commum dos homens.

Achâmol-a em todos os sexos e em todas as condições, e por isso a vaidade toma, segundo as fórmas que apresenta, nomes differentes.

No auctor que diz em bom som todo o bem que pensa de si, chama-se simplicidade e bonhomia; no militar que exalta o seu valor e engrandece os seus feitos, sinceridade e franqueza; nos moralistas de todas as côres, que, infatuados da sua perfeição, censuram, exprobram e verberam os defeitos de outrem, severidade e veracidade; no magistrado que persiste, por obstinação, no conceito formado sem criterio, rigidez e firmeza; e na mulher que, fazendo adivinhar o que não mostra, tem talento para não occultar nada, modestia.

Esta especie de vaidade é mui antiga. A *vaidade* de Antisthenes via-se *através das dobras do seu manto*, dizia Socrates.

Esta vaidade causa dó assim como a do moralista; e a do magistrado inspira horror. Ha quasi sempre indulgencia para com a vaidade das mulheres. A vaidade dos militares diverte, ainda que elles sejam pouco fanfarrões; e a do auctor só póde offender o proprio auctor.

Quem se offendeu da preferencia que Lemierre dava aos seus versos sobre todos os versos feitos e por fazer? Qual sería o academico que censurasse um litterato, de certo com mais talento que Lemierre, porque um dia, passando pela porta da academia franceza, proferiu esta phrase: «Aqui só ha nescios; e eu, felizmente, não pertenço á academia.»

Nas fórmas que a vaidade toma, não esqueçamos nem a impassibilidade de algumas pessoas, nem a sensibilidade de outras; e sob este ultimo aspecto diverte sempre quando não causa tedio.

A vaidade produz ás vezes no mesmo homem effeitos contradictorios; a necessidade de chamar a attenção publica tem levado alguns individuos a apparentarem desprezo para com os objectos em que o publico mais reparára, e que elles tinham desejado com mais ambição. Não se manifestará acaso no desgosto que o cardeal de Retz mostrava pelo chapéo, Christina da Suecia pela coroa, e o poeta Chamford pela cadeira da academia!

A vaidade leva certos homens a egualarem com os grandes merecimentos o triumpho que alcançaram em coisas insignificantes; ou a prevalecerem-se de pequenas vantagens em uma condição superior, com o que disparatam.

O velho Vestris collocava a dança na primeira classe entre as artes, e queria figurar sem ceremonia á frente dos grandes homens do seculo, entre Frederico e Voltaire. Nero tinha mais orgulho do seu talento de actor

que do throno dos Cesares; e as suas ultimas palavras mostraram antes a mágoa pela perda que causaria ás artes a sua morte, do que o sentimento por deixar o solio: *Qualis artifex pereo!* (Morre em mim um grande artista!) dizia Nero afiando a ponta do punhal com que esperava vingar o mundo.

Perdoa-se facilmente a vaidade quando se limita a dar a um homem idéa exaggerada do seu merito; mas é intoleravel quando trata de humilhar o merito de outrem, e principalmente de vexal-o.

É a vaidade d'esta especie que torna falladoras algumas mulheres, satyricos alguns poetas, eloquentes alguns jornalistas; e poderá então tomar o caracter e os habitos da inveja. Mas como se acha alliada algumas vezes nas almas superiores ao amor da gloria? Não é pela emulação, nobre sentimento que gera as acções grandes; nem pela generosa inquietação que, a cada victoria de Milciades, renova as insomnias de Themistocles; mas pela malevola stulticia com que se desgosta e inquieta o rustico que vota o desterro de Aristides, cançado de ouvir continuamente chamar-lhe *justo*.

A vaidade não está menos disposta a rejeitar os conselhos que a dal-os; e d'ahi provém a eterna guerra entre a velhice e a mocidade, entre as aias e os meninos, e entre os auctores e os criticos. Devemos julgar, com relação a estes ultimos, que nem os criticos causam sempre damno, nem os auctores tem sempre razão.

Se ha vaidade no estudante que se estreia criticando os auctores que podiam ser seus mestres, não ha menos nos auctores que, ao saírem das aulas, se julgam offendidos por observações e conselhos que lhes são feitos por litterato encanecido no estudo do bom e do bello.

A palavra *vaidade*, nos prosadores, só póde ser tomada em mau sentido; nos poetas, supprirá ás vezes os vocabulos *gloria* e *orgulho*.

A vaidade póde levar com egual violencia assim para o bem como para o mal o ente que a padeça. Quantos monumentos e ruinas attestam esta verdade? O homem que quizer absolutamente ouvir fallar de si estará prompto a queimar o templo de Epheso, se não tiver meio de construil-o.

Quantas boas almas não tem feito mal por vaidade? Mas em compensação, muita gente má tem egualmente, por vaidade, praticado boas acções.

Não ha nada mais comico que a vaidade em uma situação ou condição que exige a virtude contraria.

Certo personagem não se escandalisaria de que não ouvissem os outros, com tanto que não deixassem de o ouvir a elle.

Havia um fidalgo que no acto de contrição não se esquecia nunca de suas qualificações, para que o proximo, que o ouvisse, não ignorasse a pessoa que alli estava. Registou-se este acto do seguinte modo:

«Meu Deus! Tendes ante Vós o maior peccador do mundo, o marechal duque de***, cavalleiro de todas as ordens do rei, e do Tozão de Oiro, par de França, grande de Hespanha de primeira classe, governador em nome do rei das provincias de*** e de***, barão de***, conde de***, marquez de***, thesoureiro honorario da irmandade de S. Roque, etc.»

Este grande fidalgo usava das suas armas em todas as coisas possiveis; e quando ajoelhava, viam-se-lhe até nas solas junto ao tacão os nomes e dignidades gravados, a fim de que todos soubessem a elevada gerarchia de tão devota pessoa. É até onde póde chegar a vaidade!

Dante, com a sua severidade, custar-lhe-hia a collocar similhante christão no inferno, que devia ser-lhe fechado por tão perfeita contrição; mas onde haverá no paraiso logar para similhante humildade?

B. A.

O INFANTE D. HENRIQUE

(Vid. pag. 41)

II

Nascido na cidade do Porto, em 4 de março de 1394, o infante D. Henrique foi o quarto filho com que Deus abençoou o ditoso consorcio de D. João I e de D. Filippa de Lencastre. Criado aos peitos da vigilancia materna, se na eschola guerreira do pae aprendeu as artes de estremado cavalleiro, ostentadas em Ceuta e Tanger, em Arzilla e Alcacer, com o leite da infancia bebeu nas ternas lições da mãe a inclinação decidida pelos estudos graves, e o amor das emprezas arriscadas, que tão moço ainda o apartaram da corte, encerrando-o no desterro voluntario e laborioso de Sagres.

Notámos a acção efficaz do seculo XV nos progressos humanos. Portugal, se não precedeu a Europa em muitos, acompanhou-a em todos. A epocha dos descobrimentos foi tambem a epocha dos primeiros chronistas, dos principes poetas e escriptores, dos geographos e mathematicos distinctos. O mestre de Aviz, como observou Garrett, conferindo á lingua vulgar os foros de lingua official, passou-lhe a sua carta de alforria, nobilitando-a. Fernão Lopes, em sua singeleza, pintára do vivo quadros inimitaveis, retratando os vultos, as paixões e as scenas dramaticas dos reinados de D. Pedro, de D. Fernando e de D. João I. Ia succeder-lhe com mais erudição, porém mais affectado, e menos animado e verdadeiro, Gomes Eannes de Azurara, o prosador valido de D. Affonso V, o amigo, por vezes lisongeiro, do infante D. Henrique.

A historia de *Amadiz de Gaula*, o trato familiar com os normandos de Inglaterra, os trovadores e os cancioneiros, e, mais que tudo, os exemplos e os usos do paço, que as virtudes e o engenho da filha de João de Gant haviam quasi tornado aula pratica do gosto, e seminario concorrido, aonde a honestidade da rainha só com os prazeres intellectuaes se recreava, tinham introduzido a pouco e pouco entre nós a cultura de fóra, os brios e rendimentos cavalleirosos, o respeito e adoração platonica das damas, e a predilecção pelos livros classicos resuscitados, e pelas aventuras e novidades, em que a seiva da nacionalidade buscava activo emprego para a phantasia e para a vocação.

A maior de todas as excellencias com que a Providencia brindou o mestre de Aviz, tão afortunado em tudo, foram os filhos, coroa preciosa de sua velhice. Todos saíram insignes, D. Duarte para rei, D. Pedro para politico, D. Henrique para navegador e D. Fernando para martyr; e a todos fez unicos nas perfeições o desvelo esclarecido de D. Filippa de Lencastre, criando-os no temor de Deus e de seu pae, abrindo-lhes os olhos do espirito á luz da sciencia, tornando-lhes agradavel, e depois necessaria, a leitura dos bons livros, e finalmente, querendo e alcançando que elles, pelas prendas naturaes e adquiridas, pela elevação dos sentimentos e pelo conceito merecido dos dotes mentaes, fossem na realidade principes, isto é, os primeiros do seu reino.

Em outra esphera menos restricta, D. João I não acudia com menor cuidado á educação viril, dando-lhes mestres que os apurassem nos exercicios corporaes, que lhes ensinassem os segredos das armas, as destrezas da lucta, os garbos e delicadezas da boa cavallaria, e esmerando-se ao mesmo tempo em que desde a juventude assistissem á direcção dos negocios, ouvissem os conselheiros consummados, apalpassem praticamente as difficuldades do governo, e se habilitassem, escutando e obedecendo, para mandar. O exito d'esta dupla união de esforços não podia ser mais venturoso. A raça do mestre de Aviz foi uma grande raça, e coube-lhe o condão invejavel de levar Portugal pela mão de tres grandes reis, pouco felizes

como soberanos, ou como reis, D. Duarte, D. Affonso v e D. João ii, até ao limiar da epocha de D. Manuel, chegado á undecima hora, para colher os fructos que os outros haviam semeado, e que nenhum logrou contemplar maduros.

O infante D. Henrique, na vida occupada que fazia, era por indole mais reflectido que os irmãos, e de todos os filhos o que a mãe estimava mais, por se lhe assimilhar nas feições do rosto e do espirito. O ardor juvenil poucas vezes subia a inflammar-lhe as faces ou as palavras, para se abater depois com facilidade. Concentrava-o intenso e calado, combatia-o com a razão até elle ficar vencido ou vencedor, e não o deixava assenhorear da vontade senão acalmados os primeiros impetos; mas desde que se lhe arraigava, como convencimento, tornava-se uma paixão serena na apparencia, mas indestructivel, contra a qual luctavam debalde os argumentos, as contrariedades, os dissabores e os revezes. A conquista de Ceuta e os descobrimentos maritimos são documentos provados das tendencias irresistiveis do seu caracter. Em ambos teve a principio contra si o voto dos homens sisudos, a censura dos conselheiros prudentes e as opiniões do vulgo; e affirmando a resolução cada dia com mais vigor, logrou responder com duas victorias á incredulidade e aos receios. D. Filippa prezava n'elle a perseverança, que, apontando sem se distrahir ao alvo, não recolhia nem afrouxava o arco senão depois de acertar.

Gomes Eannes de Azurara, que de perto conhecêra e tratára o infante, deixou na *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* (cap. iv, pag. 19) o seu retrato fiel no physico e no moral. Era de estatura proporcionada, largo de espádoas e cheio de corpo. A côr do rosto, branca e rosada, com as intemperies das estações, perdendo o mimo, fizera-se trigueira. Os cabellos castanhos, e quasi crespos, não lhe affrontavam a fronte espaçosa, em que de ordinario poisava uma nuvem, não de ira, mas de cuidado ou de reflexão. Os olhos azues, vagarosos e reflexivos, poucas vezes revelavam as commoções mais intimas. O aspecto aos que o viam pela primeira vez infundia mais do que respeito, e nas raras occasiões em que cedia á indignação, o semblante carregado lembrava em certos longes a colera terrivel de Pedro i, seu avô. Fallava pouco e meditava muito. A acção era circumspecta, lenta e propria das compleições fleugmaticas. O gesto não desmentia a physionomia. As vozes eram mansas e todos os movimentos socegados. Constante na adversidade e humilde nos successos prosperos, contemplava a fortuna e os desastres com inteira egualdade de animo. Seguia a persuasão e o dever, e acceitava estoicamente os resultados.

A fortaleza do coração, a firmeza da vontade, e a subtileza e penetração do engenho, foram os auxiliares a que deveu os bons effeitos de suas emprezas. Se a imaginação lhe inspirava as idéas, tinha a força necessaria para a conter, e não se deixar arrastar por ella mais adiante do que podia ou queria ir. O desejo de esmaltar o nome por feitos illustres foi o verdadeiro motor de tudo o que tentou e conseguiu. A gloria herdada procurou sempre juntar a gloria adquirida. Nunca se lhe conheceu amor que o prendesse, senão o das armas e das novas navegações. Nunca houve recreação, mesmo innocente e licita, que o desviasse um passo do caminho encetado. Prezava as letras, estimava os sabios, e velava as noites com frequencia sobre os livros e sobre os mappas. Sobrio e frugal na mesa, o seu temperamento robusto zombava das vigilias, aturava sem molestia os maiores trabalhos, e trazia sempre o corpo são e obediente ao espirito.

Nenhum principe, que não fosse rei, creou nunca em sua casa tantos e tão bons servidores, desfructou rendas tão largas, nem sustentou estado egual. Premiava com generosidade, mas era remisso em punir, e pouco escrupuloso em escolher as pessoas. Algumas vezes confundia com menos justiça os criados fieis e virtuosos com os maus e negligentes, perdoando com facilidade mais do que offensas leves. Escravo da lei, nas alterações do infante D. Pedro, mostrou-se melhor vassallo do que irmão, seguindo Affonso v e o duque de Barcellos, não por odio e má vontade contra o primeiro, mas por severa interpretação das obrigações de subdito. Religioso e devoto, todas as acções offerecia a Deus, e pela dilatação da fé e propagação da palavra evangelica nas terras infieis e ignoradas, começou a arriscar os thesouros, e daria de bom grado o sangue e a vida. Nos descobrimentos, a maior gloria para elle foi sujeitar á egreja novos rebanhos de crentes convertidos.

Este foi o infante D. Henrique. Veremos, na continuação d'este esboço, que as obras corresponderam ao caracter, e que suas eminentes qualidades não venceram menos do que os homens que instruiu, e do que as grandes coisas que realisou.

(Continúa) Rebello da Silva.

COMO SE DEVE ESCREVER UMA CARTA

Pergunta como se deve escrever uma carta; vou, pois, dar-lhe, meu prezado amigo, algumas indicações, de que póde aproveitar como entender melhor. Ha pessoas que, nas suas cartas, caminham sempre sem saberem onde suspender; outras, pelo contrario, aparentam um laconismo singular: isto é o que se chama sair fóra dos limites, quer dizer, afastar-se do meio termo, que consiste em regular as coisas segundo a necessidade. Se tiver muito que dizer, não poupe o espaço; se uma palavra bastar para que o comprehendam, poupe as minuciosidades prolixas, e pouco agradaveis. Deve, portanto, calcular a extensão de uma carta pelo assumpto que tem de tratar.

Não basta unicamente ser conciso; é mister sobre tudo ser clarissimo. Uma carta não é, todavia, um letreiro; mais vale ser conversador que obscuro, querendo observar extrema concisão. Em uma palavra, uma carta escripta com a conveniente clareza, uma carta bem escripta, é aquella que, entendida tanto pelo ignorante como pelo homem instruido, agrada egualmente a ambos.

A terceira qualidade é a graça: sem ella, uma carta será deselegante, triste e monotona; com ella, o estilo será suave, fluente e aprazivel. A carta acceita as boas maximas, os proverbios citados apropriadamente, as anecdotas breves, as suspensões picantes e engenhosas, com tanto que possa avivar o espirito sem manifestar affectação. As lentejoulas só servem para os ornatos, por isso a carta ha de ser elegante sem apparato. Sirva-se de estilo figurado só com esta condição, e não se esqueça de apresental-o raramente e com modestia. Deixemos aos rhetoricos as apostrophes, as antitheses, e os membros das phrases distribuidos com symetria; e se ás vezes empregarmos na carta este artificio da escripta, seja, quando menos, para nos divertirmos.

Acabarei com este resumo de um apologo: As aves, n'outros tempos, disputavam-se a realeza, e quando cada qual se apressava em realçar a sua plumagem, só a aguia julgou que o seu mais bello atavio era não tel-a. Applicando, direi que a mais bella carta, no meu entender, será a que fizer consistir os adornos na simplicidade, modestia, lhaneza e naturalidade com que se escrever. Taes são, para mim, as verdadeiras qualidades do estilo epistolar.

O que tiver omittido aqui, meu prezado amigo, lhe será suggerido pela propria reflexão.